

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 18 DE JUNHO DE 1887

VOL. III-N. 129

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Os nossos artistas—II Antonio Parreiras.....	A. SILVA.
A Semana.....	A REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Plebiscito litterario.....	A REDACÇÃO.
Primeiro leite, poesia.....	J. DE DEUS.
Palestras femininas.....	A. A. L. VIEIRA.
Notas bibliographicas.....	V. S.
Nacionalidade litteraria.....	INCOGNITO.
Da Via Lactea, soneto.....	O. BILAC.
Paginas esquecidas: R. Corréa II O poeta.....	V. MAGALHÃES.
Gazetilha litteraria.....	Y.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
O sonho da Sulamita, poesia.....	J. D. DA ROCHA.
Theatros.....	P. TALMA.
Festas, bailes e concertos	LORGNON.
Jornas e revistas.....	A.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Collaboração:	
O primeiro cuidado, soneto.....	O. E SILVA.
A D. J. S. S., soneto.....	J. M. D'AZEVEDO.
Factos e Noticias.....	
Recbemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000
PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

A SEMANA

Continuamos boje a galeria d'Os nossos artistas com o retrato do paisagista Antonio Parreiras, traçado pelo joven e esperançoso alumno da Academia de Bellas Artes, Sr. Delpino. A nossa idéia era que os retratos ou caricaturas fossem feitas pelos proprios artistas retratados, mas o Sr. Parreiras declarou-nos peremptoriamente que só se retrataria a elle proprio se por acaso fosse... paisagem, pois não se atreve a tocar em seára que elle considera alheia. A vista d'isso, abrimos uma excepção a seu favor; excepção que estudaremos a outros artistas que não queiram seguir o exemplo de Belmiro de Almeida.

O artigo critico-biographico é do sympathico e estimado poeta Alberto Silva, que tambem cultivava com brilhantismo a prosa.

A REDACÇÃO.

OS NOSSOS ARTISTAS

II

ANTONIO PARREIRAS



Nasceu em S. Domingos de Nitheroy a 21 de Janeiro de 1861.

Apertamos-nos as mãos pela primeira vez, uma tarde, no largo da Memoria. Elle tinha uns 13 annos; eu chegava da roça com os meus 10.

Era voluntarioso e ousado. Essa independencia de caracter franco e rijo, quasi brutal, que ainda é hoje seu traço predominante, já começava de esgalhar-se forte, espontanea, abruptamente, ao doirado sol das risadas livres.

Não me poderia passar pela mente que essa mão que me ensinara a retezar um garboso papagaio contra a lufada da viração, agora viria a manejar, segura e magistral, o pincel que nos encanta. Esse pedaço de papel, guinando ao vento, ficou-me, esbatendo-se longe no vacuo azul das minhas recordações, puro como um emblema.

Parece-me traduzir elle a aspiração sempre agrihoada e rebelde, sempre impetuosa e contrariada, do nosso inspirado paisagista.

A camaradagem foi apenas de douse ou tres mezes, porque voltei para a roça, fugindo a uma epidemia.

Tornei a encontral-o em 77, no collegio Briggs. Eu fazia uns versos impossiveis, de pés quebrados, justa-

mente como os bonecos que o Parreiras desenhava nas laudas em branco dos compendios. Escondo ainda no frontespicio de uma Syntaxe de Dantas um desses aleijões, eupplice, contorcendo-se, caólho, com uma perna maldosamente lacerada a bico de lapis, a blasphemar no carcere perpetuo que lhe impoz a minha amizade pelo seu autor.

D'abi em diante extremou-se a lucta em que sempre vivera o embryonario pintor: lucta sem treguas!

Não tinha encontrado quem lh'o ensinasse; entretanto, esforçava-se, em natural tendencia, por traduzir as impressões d'aquellas paisagens, d'aquelles contornos deslumbrantes que lhe passavam pela imaginação como pelas janellas de um comboio, velozes, vertiginosas, allucinadamente, em correrias longas de estranhas visões ridentes, num cahos amplissimo e radioso... Debruçava-se absorto e olhava, olhava: decorando-as, embebendo-as na alma.

De subito um tunel negro, tumultuoso, cavava-se! E atraz, nae trevas, um raetro, um clarão de ouro ia fugindo, fechando-se longe, mais longe, morrendo, incerto, frouxo, pallido,

como uma estrella em céu tempestuoso.

Depois trevae, só trevas horrorosas. Mas o monstro de ferro rompia de novo na amplidão cheia de luz, estreitava, como um gigantesco braço negro, uma montanha, despenhava-se com um atroador desabamento de penedos, pelo meio de vales abertos em phantasticos templos de sombra, velados de cortinas de flores e, d'onde fugiam rindo, bandos errantes de genios felizes.

E elle, o sonbador captivo, lobrigava milhões, de laboros aereos a acenarem-lhe em esbatementos tremulos de neblinas pelos hombros das serranias, ou entreouvira falarem-lhe boccas sonoras, como harpas eolias, do alto dos minaretes de ouro das celagene acastelladas nas curvas sanguineas dos horizontes infndos.

E o condemnado sentia os arroubos dos grandes, as allucinações dos inspirados.

Porque não era livre ali na larga expansão de todo seu sonho, na insaciavel embriaguez do seu temperamento sitibundo de Gloria, saudoso de Ideal? Como fora venturoso!

E o comboio mergulvava outra vez nas sombras...

Era assim sua vida.

Vida febril de revoltas e desfallecimentos em que a esperanza brilhava-lhe ás vezes, não como os arrebóes de um dia que se enubla, mas como a fresta de luar de uma noite que se ente-nebra.

A sociedade é exigente: elle pagou-lhe largamente o seu tributo.

Quantas vezes não tinha impetos de espedaçar o pincel, como um indio quebra para cempre a gloriosa flecha de combate?

Não o vi durante alguns annos.

Um dia parei sorpreso diante de uma casa de commercio: avistara-o dentro vendendo. Entrei.

Largo tempo conversámos. Elle ainda tinha a mesma febre de visionario a queimar-lhe o cerebro; o coração galopava-lhe ainda na mesma loucura de aspirações irrealizadas: todo um turbilhonar violento de idéias, de sonhos, suffocado na mortalha fria de uma indifferença forçada.

Caesara-e. Fóra escripturario. Negociava agora. Talvez d'esse modo podesse ganhar para aprender a pintura.

E sorrio com um laivo de resignação dolorosa, que me obrigou a scismar.

Estava ali mais um exulado da Gloria, mais um banido da Suprema Ventura.

O balcão lembrou-me a muralha de um forte, e deixei a casa com a impressão de um captiveiro silencio e tetrico, onde a alma cança e se abate como as azas dae aguias prisioneiras, e o corpo arasta-se, esphacelando-se

nas profundidades de subterrâneos húmidos e escuros...

Como era a vida triste!

E a felicidade ás vezes é tão pouco! Dessem aquelle homem um pincel e uma teta, e elle, traço a traço, nuvem a nuvem, embevecido, sorrindo, formaria o céu, o mundo da sua alegria, a região encantada, aberta ao vôo de seu espirito opprimido e melancolico, como os poetas, como os musicos, como os esculptores descerram das trevas de mysterio suas sublimes epopéas...

Felizes! sim! de uma felicidade sem egoismo.

Quantos segredos inexprimíveis, quantos pensamentos inenarráveis, quantas emoções desconhecidas, não nos pintam, não nos traduzem, não nos acordam elles?

Vamos, soh seu influxo, sorrindo ou chorando, cantando ou em scismas, absortos, como somnambulos fugidos por instantes das terríveis realidades que nos acabrunham e esmagam.

Felicidade suprema que não seria dada a Parreiras sem ainda as maiores luctas e desgostos.

Sorria-lhe afinal a primeira esperança: matriculou-se na Academia de Bellas Artes, em 82, tendo para digno mestre Grimm, um aventureiro como elle, um como elle peregrino do Bello.

Então Parreiras pintou um estudo. Nove mezes depois, apartava-se de Grimm, em quem deixava, já não um sincero e habil professor, mas um amigo franco e dilecto.

Tinha recebido a lastração sagrada no templo da grande Deuza, adorou-a, exaltou-a fervorosamente e puro, como o mais devotado dos seus neocoros.

E ella, que enche de graças os grandes que se lhe prosternam, cobriu-o de benção, deu-lhe a entrinhada fé vivificante dosromeiros da eterna jornada sublime.

A primisra exposição, em 85, fôra como um penetral deslumbrante do largo progresso artistico de Parreiras. Não se deteve, e em 86 gravavam mais fundos vestígios seu bello talento e poetica inspiração.

Depois—era o incansavel saciamento de Tantalos que se sente libertar, o entrever triumphos sonhados, a aproximação deslumbradora do Ideal...

E hoje, entre as muitas pessoas que se deliciaem, contemplando os seus bellos quadros, poucas como eu, talvez sentirão no vago prescrutar de uma lembrança dolorosa, abrirem-se aquelles poeticos bosques, afundarem-se aquellas transparentes aguas, desmoronarem-se aquellas praias nitidas, num barathro largo e escuro, em cujo fundo o antigo pintor, o desesperado artista de outra era, estende os braços, avido de luz, tremulo de canção, e sóbe, sóbe ferindo nos farelhões as carnes gotteando sangue, como um condemnado de Dante...

Visão pavorosa que sempre me suggerem as bellas manifestações dos esforços grandes...

Negra e dolorosa recordação! em cuja carel mais saliente espelnde a apothese dos gloriosos, que, ás vezes, entretanto, sahem, já tarde de mais, da medonha lucta, porque trazem no amago da alma, o golpe profundo e exterminador...

ALBERTO SILVA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Sei que o publico fluminense está ha muito tempo de bocca aberta e de ouvido attento á spera da minha palavra authorizada sobre os ultimos acontecimentos. Já na semana passada eu sabia d'isso, mas na semana passada occorreu contra o chronista a circumstancia de não haver acontecimento nenhum. Estive para inventar um escandalo qualquer, um facto emocial, uma pagina de romance de Montepin, unicamente para servir ao leitor ávido e espectante o accipepe critico das minhas prosas.

Lembrei-me, por exemplo, abusando da minha qualidade de republicano furioso, de noticiar aos povos d'este presunto geographico da America, que sabia de fonte limpa ter sua magestade o imperador declarado que abdicava e collocava na graciosa mão fidalga da princeza D. Isabel as redeas da cavalgadura governamental. Depois, lembrando-me que isto era bem possivel de acontecer, resolvi não dizer nada: pois é sabido que a um chronista de reputação é unicamente permitido dizer das coisas que não podem dar-se, commentar os factos menos verazes e mais inverosímeis. Forrado d'esta doutrina sábia e commoda, preferi deixar os leitores de bocca aberta e de ouvido attento mais uma semana, e fugi d'esta pacata e patusca suicidiopolis, sempre heroica e sempre leal a S. Sebastião, seu patrono—pessoa unica que se pôde apresentar ao publico em trajas menores sem offender a provada pudicicia de conservatorio dramatico.

Voltando agora a esta horrorosa rua do Carmo,—onde todos os dias pianos particulares, pianos mecanicos das ruas, realejos, sanfonas, grupos de musicos italianos e bandas allemães obrigam os moradores a convencer-se de que a musica é a condutora do tedio e do desespero,—li de corrida os jornaes da semana, e estou, portanto, informado de que o imperador continúa naquelle estado assás satisfactorio que todos conhecem e ninguém se atreve a confessar; mas que os medicos da imperial camara, reunidos em conferencia no palacete Itamaraty, resolveram aconselhar S. M. a sahir para fóra do imperio. A *Gazeta*, que nos deu esta noticia, não nos dá o parecer parcial de cada medico.

E' isto que me afflige e me tira o appetite. O que eu queria era saber a opinião do Sr. duque da Mottamaia, ao qual duque já por entre o murmuro das florestas tijuquenses, os échos das confabulações suburbanas têm mysteriosamente chamado D. Pedro II.

E eu não me hei de admirar muito quando souber que o imperial carrapato... perdão!—que o imperial medico, favorito do imperador, atarrachou na cabeça inspirada, acima do bigode e da péra de valeta de copas, a corôa brigantina que nos campos do Ypiranga, a berrar o grito, Pedro I embriulhou para sempre no pavilhão auriverde.

Estou preparado para tudo...

Acontecimento importante para o nosso commercio, e, portanto, para todo paiz, foi a velhacada da praça de Nova York, a famosa negociata do *café-papel*,

que deu á nossa praça, segundo me informam, um prejuizo de cerca de dois mil contos. Podia ser mais, mas confesso que esta quantia já me chegava cá para uns arranjos e ainda me sobrava para tapar a bocca insaciável do meu alfayate, um moustro... Mudemos de conversa.

Com a transacção ficticia, de pura batota commercial, operada na praça de Nova-York, foram-se por agua abaixo varias casas d'aquella praça e é provavel que algumas da nossa não tenham *elasterio* sufficiente para resistir ao esticção. O nosso commercio de café estava muito lampeiro com os lucros do ultimo anno commercial e com a extraordinaria alta do genero, e agora esta occorrença não lhe deve ter feito muito bom cabello.

Que se aguente e que prospere é o que nós todos lhe desejamos, porque todos, afinal, vivemos d'elle e por elle.

Foi cheio de terror e de espanto, com os olhos encadeados pelo assombro, que na *Gazeta* de quarta-feira li esta tremenda noticia:

« O Sr. vereador Candido de Carvalho, membro da commissão do mata-douro, vae hoje a Santa Cruz. »

Arrepiaram-se-me as carnes e o cabello ao ler esta noticia terrível, e pensei vagamente em Frederico Barbaroxa, em Godofredo de Bouillon e em Ricardo Coração de Leão, seguindo heroicamente nas cruzadas á conquista da Terra Sancta. De repente, como um fatal presentimento, veio-me á lembrança a sorte de S. Luiz, rei de França, cruzado tambem, morto de peste em Tunis, em 1270.

E se— disse eu commigo, a tremer— e se, ao chegar aos terrenos inhospitos de S. Francisco Xavier, a peste se lembra de atacar o Sr. Carvalho? Que ha de ser do nós, pobres municipes inermes, se a fatalidade nos arrebatou o maior dos nossos edis? Elle vae para Santa Cruz, vae cruzar! pensei, aterrado.

E vi desabar o imperio.

Mas o écho, ao longe, nos circulos physicos do som, veio providencialmente em soccorro da minha alma afflicta, trazendo-me aos ouvidos estas palavras consoladoras:

— Descança, Filindal! elle vae apenas— matar o bicho!

Desmaiei de prazer.

Pensei que havia passado a quadra negra dos suicidios, mas enganei-me; ainda na quinta feira se suicidou na casa n. 4 da travessa do Costa Velho o allemão Wilhelm Zenckell. Das declarações da esposa infere-se que o motivo do suicidio foi a miseria: Wilhelm estava desempregado e doente.

E ainda ha poucos instantes me dizia aqui um amigo meu, que é capitão e litterato, que um membro da familia Rotschild se retirara da casa famosa, que é hoje o cofre do mundo, apenas com a insignificante quantia de noventa e seis mil contos!

Vamos ter um grande movimento theatral. Está a chegar de S. Paulo a companhia do Heller, está a chegar de Lisboa a companhia de D. Maria II, d'esta vez accrescentada com Brazão, incontestavelmente o actor mais brilhante de theatro portuguez.

E' realmente pasmosa a carreira do notavel artista. Conhecemol-o aqui, ha muitos annos, a representar galans ds

comedia; vimol-o mais tarde em papeis burlescos, como no *Fura vidas* e na *Timidez de Cornelio Guerra*, que elle representava a primor, com uma graça inexcidível, com uma naturalidade admiravel.

Mais tarde appareceu-nos actor dramatico, fazendo o romantico Antonio dos *Engetados*, um tanto exaggerado, pouco senhor de si, mas com muito talento e muito fulgor.

Foi para a Europa e voltou tres annos depois, representando na *Dora*, na *Maria Joanna* e no *Kean*. Era já um artista. Via-se hom que tinha estuado muito o que o seu talento se modificara. No *Kean*, que é um papel de prova, foi admiravel e não nos fez ter saudades do Rossi.

Agora vem-nos actor tragico. Traz no repertorio peças de Shakespeare! E' o que se pôde chamar uma carreira complicada e gloriosa. E o caso é que a gente por mais que conheça o Brazão nunca chega a conhecê-lo bem. E' o artista mais susceptivel do progresso que eu tenho visto!

Com o Brazão vêm tambem os irmãos Rosa, já nossos conhecidos, e bem se pôde assegurar que é notavel uma companhia que traz tres notahilidades, além de varios artistas mais modestos, mas de muito merecimento.

Além d'estas companhias, vamos ter o Ferrari no Pedro II, com o tenor Masini e o barytono Kaschman; e consta tambem que o celere Ciocchi nos bade trazer a companhia italiana de operetas em que trabalha a nossa conhecida Preciozzi.

Vamos ter arte para dar e vender!

Estava eu terminando esta chronica, quando me vieram dar uma noticia tristissima: que fallecera José Tinoco, o antigo e sempre joven reporter do *Jornal do Commercio*.

Compungio-me extraordinariamente a morte d'aquelle buniasimo e jovial rapaz, colhido em plena mocidade, cheio de vida e de vigor, trefego e alegre sempre, activo, servicial, intelligente e honesto.

Acabou-se o Tinoco, celebre entre os reporters, successor das glorias do João de Almeida, terror dos collegas, que percorria sempre apressado, deslizando, a rua do Ouvidor, cumprimentando todo mundo, saudado de toda a gente, sempre sorridente e noticioso, sempre bem informado de tudo, e contando tudo a rir, numa jovialidade despreocupada que dava bem para dez pessoas!

Colheu-o a molestia na Tijuca, no seu posto de trabalho e matou-o hontem ás 11 horas manhã. Ainda ante-bontem, ás 11 da noite, eu me encontrei com dois companheiros do inditoso rapaz, que me disseram muito alegres:

— O Tinoco está melhor. Está salvo.

Vimos agora de casa d'elle.

Eram as melhorias precursoras da morte.

Pobre Tinoco!

FILINDAL

PLEBISCITO LITTERARIO

Propuzmos em o numero passado á votação do publico o seguinte:

QUAL O MELHOR ROMANCE, QUAL O MELHOR LIVRO DE CONTOS OU NOVELLAS, QUAL O MELHOR DRAMA E QUAL A MELHOR COMEDIA DE AUCTORES BRAZILEIROS.

As respostas devem ter o maior laco-

nismo possível, sem se fundamentar o voto; mais ou menos assim:

Melhor romance — Tal, de Fulano de Tal. *Melhor livro de contos* — Tal, de Beltrano, etc.; depois a assignatura por extenso, ou, pelo menos, com o nome proprio do votante e um de seus appellidos. Não serão apuradas cédulas assignadas por pseudonymos ou por nomes evidentemente apocryphos.

Serão apuradas as cédulas que não trouxerem resposta a alguns dos pontos da questão; que, por exemplo, deixarem de se pronunciar acerca do melhor drama, ou do melhor livro de contos etc.

Não serão apurados os votos dados a redactores d'esta folha, podendo, no entanto, ser votados os seus collaboradores.

O plebiscito será encerrado no dia 11 de Agosto, sendo publicado no dia 13 o resultado final.

Todos os sabbados daremos conta da votação recebida durante a semana.

Na entrada do nosso escriptorio, em baixo, ha uma caixa em que poderão ser lançadas as cédulas, para menor incommodo dos votantes.

Se este plebiscito, que nos parece interessante, obtiver o agrado publico, proporemos outros, sobre o melhor poema, o melhor livro de versos, o melhor soneto, o melhor quadro, a melhor estatua, etc., etc. de auctor nacional e outros sobre obras de paizes estrangeiros.

Por ter sido escasso o numero de respostas recebidas até hontem, só em o proximo numero publicaremos a votação apurada, juntando-a á que recebermos na proxima semana.

Respondendo a uma consulta que nos foi feita, declaramos que é indifferente o facto de serem vivos ou mortos, antigos ou modernos, famosos ou mediocremente conhecidos os auctores cujas obras se querem eleger. Basta que sejam brasileiros.

A REDACÇÃO.

PRIMEIRO LEITE

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
Que ainda abraço, embalo, beijo, escuto...
Por cumulo de dor!

Lembra-me sempre a estrella, cujo brilho
Apenas entrevi!
A mãe nunca se esquece do seu filho:
Não me esqueço de ti!

Andorinha da minha primavera,
Que te acolheste ao lar
De quem, havia tanto, estava á espera
De te ouvir gorgear!

Mas ao pousar no tecto d'esta casa,
(Que sorte Deus nos deu!)
Cobriste a cabecinha com a aza...
Avesinha do céu!

E a mim resta-me a dor que me consume!
Resta-me o meu pezar!
Resta-me a terra fria que te come,
Saúde sem par!

Foste a flor que ao abrir cahio da baste
Logo pela manhã!
E se é tambem em pó que te tornaste...
Como esta vida é vã!

Como Deus nos converte em noute o dia,
Em escuridão a luz,
Em dor profunda a intima alegria,
Em summa, o gloria em cruz!

Eras o meu enlévo, a minha gloria!
E se ao menos tambem
Se apagasse sua imagem da memoria
Da tua triste mãe!...

Flor do meu coração, mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
Que ainda abraço, embalo, beijo, escuto...
Por cumulo de dor!

JOÃO DE DEUS.

Lisbôa, 20-2-87.

Falleceu, ás 11 horas da manhã de hontem, o antigo e estimadissimo reporter José Tinoco, digno e intelligente auxiliar da redacção do *Jornal do Commercio*.

Quem ha que não conhecesse o Tinoco? E quem dentre os que o conheciam deixaria de estimal-o?

Era trabalhador, activissimo, honesto, sempre jovial e prestativo.

Forte e bem disposto, nada podia fazer-nos prever que tão cedo perderiamos aquelle bom e querido collega e risinho camarada.

Pezames sinceros á sua familia e á redacção do *Jornal do Commercio*.

PALESTRAS FEMININAS

Ha muito tempo que não falo das crianças e as leitoras terão com certeza julgado que não sei cumprir o que prometto, que deixei em meio o meu pequeno curso de pedagogia infantil e mil couzas; não é assim? Sejam até ao fim indulgentes, perdoem-me a falta e continuem a ler com paciencia os conselhos que eu desejo que sigam para a sua felicidade e dos seus fillinhos.

Tratemos hoje da formação do character, da firmeza e do valor da vontade que é a base do character, a verdadeira força do homem.

As crianças são naturalmente medrosas; não conhecendo quasi nada da vida, tudo as assusta e preocupa; as historias de bruxas e almas do outro mundo, com que geralmente as entretêm e adormecem as animas, augmentam excessivamente o medo instintivo das crianças, e atrophiam-lhes o espirito e o temperamento.

Para robustecer o espirito da criança é preciso que ella não creia absolutamente no sobrenatural; urge acostumar-a aos mil ruidos que se ouvem á noite, quando a cidade parece adormecida e a natureza fala; dizer-lhe que nada é mysterioso no mundo, que tudo tem razão de ser e explicação; que o que a assusta, o ruido que a faz abrir muito os olhos ou chegar-se ao seio da pessoa com quem passa a noite, mãe, irmã, ou ama, não foi mais do que o vôo de uma ave nocturna, ou o estalido da madeira do guarda vestidos, ou a barata que passeia rapida por entre os papeis amarrotados atirados á cesta.

É utilissimo familiarisal-a com a idéa da morte, ensinando-lhe que a morte é um somno tranquillo, sem sonhos, um repouso eterno; e, podendo ser, levá-a mesmo a ver pessoas mortas, dizendo-lhe:

— Vés? F. não se move, dorme, não vê, não ouve, não fala, não acorda nunca mais; d'aqui vão levá-lo para o cemiterio, onde o enterrarão, porque, como toda a carne morta, vão apodrecer e deitaria muito mau cheiro. Todos nós havemos de morrer um dia mas não sabemos quando.

É um grande erro falar aos pequeninos de immortalidade, de castigos infernaes, de purgatorios etc.

Para inculcar coragem ás crianças, para fazel-as fortes e ensinal-as a querer, o primeiro cuidado das mães deve ser habitual-as a considerarem a dor como uma condição da vida, que é preciso supportar com energia.

Cahir, disse um hygienista illustre, Mr. Fonnagrives, é uma função da vida das crianças.

Não ficará duente o loiro anginho que é todo o vosso amer, formosa leitora, por ter os joelhos esfolados, a testa cheia de gallos, o corpo coberto de nodos negros... não; faz se homem, retempera-se, e prepara-se para as luctas futuras.

Geralmente as mães, ao verem cahir a criancinha correm, gritam, gesticulam, de modo a assustal-o deveras; depois, tanto a beijam, amimam, e lastimam, que ella comprehende que se tornou interessante e que é preciso prolongar o pranto para que se demorem tambem as caricias e promessas; torna-se exigente, calculando, pelo que alcançou, quanto proveito poderá tirar quando tornar a cahir... Infelizmente nem sempre a dor da criança é causada por um accidente; a enfermidade tral-a quasi sempre consigo. Teriam então as mães excellentes occasiões para ajudar os filhinhos a supportal-a com valor, assegurando-lhes que a dor vai diminuir, que, tomando com juizo o remedio e não chorando nem gemendo, ficarão melhores em pouco tempo.

Nos gemidos e lamentações de uma criança, pode sempre a enfermeira encontrar um pretexto para fazel-a sorrir e sentir-se melhor; mas as mães são fracas, são mais fracas mesmo que os proprios doentinhos: choram com elles, enchem-nos de beijos, de cuidados exagerados, de promessas, hriñquedos e tornam-nos em poucos dias manhosos, fracos e insupportaveis.

A criança chetona e medrosa será um homem piegas, nervoso, pusillanime e cobarde.

É soffrendo stoiticamente as dores physicas, que se prepara a alma para os embates moraes.

Uma de minhas irmãs, que idolatro como se fosse minha filha, estava em minha companhia quando teve uma febre medonha. A adorada criança, soffria muito com o curativo do caustico que a sciencia julgava indispensavel, mas soffria caladinha, sem gemer quasi, por ter me ouvido muitas vezes, «que o gemido é egoista, é o desejo de que padecam tambem ouvindo-o, os que tem a felicidade de não estar doentes».

Uma vez vi-lhe os formosos olhos cheios de lagrimas e perguntei-lhe:

— Dõe-te alguma cousa, meu amor?
— As costas... muito... mas disseste que é fraqueza gemer...

Quiz cobri-la de beijos, mas com o movimento que fez para corresponder-me, desarranjou o aparelho e a dor repentina arrancou-lhe um grito; mas soffocou-o subitamente, dizendo:

— Perdoa-me, sim? a dor foi mais forte do que eu... Apesar de angustiada contive-me e contei-lhe não sei que historia que a fez sorrir.

A criança loira de então, é hoje uma mulher forte; com uma coragem extraordinaria caminha sobre os espinhos da estrada com o sorriso nos labios, tendo para todas as dores palavras de conforto e esperanza. É meiga e intrepida; augelical e firme.

Filha, occulta aos Paes, para que os não affilijam, as dores physicas e moraes que a torturam; esposa será terna, dedicada e forte; mãe uma verdadeira educadora. Tenho essa fé.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

O illustre monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito compoz um excellente livro consagrado aos alumnos da Escola Normal, e que se intitula *Ligões de Religião*. É um trabalho este que demonstra o alto cultivo intellectual de seu auctor e offerece, aos que têm de se dedicar a este estudo, clara comprehensão, privando-os de compulsarem varias obras, pois nelle estão tratados com lucidez os pontos dogmaticos e apontadas com o desenvolvimento necessario as diversas materias constantes do programma da respectiva cadeira na Escola Normal.

Rosas do Ermo—São uma colleção de poesias do Sr. Manoel Pinto Neves.

Prefacia este livro de versos o Sr. Dr. Carvalho Filho.

Antes de darmos nossa opinião sobre estas *Rosas* quizeramos saber por que razão o Dr. Carvalho Filho, todas as vezes que em seu prefacio tem de se dirigir ao Sr. Pinto Neves, trata-o de *vós*. É possível que este tratamento seja imposto pelo grande respeito que o Dr. Carvalho Filho tem pelo talento do poeta; uas é exquisto é mesmo um pouco pedantesco.

Das *Rosas do Ermo* poucas ha que sejam verdadeiramente rosas; mas em compensação, são muito—do ermo.

Não ha nellas o encanto dos trabalhos feitos com arte nem illuminados pelo fogo da inspiração. O poeta impressionou-se muito com os versos de Casimiro de Abreu (ainda ha d'estes!) e deixou-se levar pela onda das suas lagrymas, onda que apagou-a e que ha de aniquillar todo o talento do vate das *Rosas do Ermo* se este não enlilar de libertar-se quanto antes d'esta perigosa impressão.

Liberte-se, Sr. Pinto Neves, e de-nos outras *Rosas* que, com certeza, não ficarão no ermo como as que acaba de publicar. E não se deixe levar pelas cantigas do Sr. Dr. Carvalho Filho.

Tem talento, quer ser poeta e, ao que parece, tem a farsa. Pois accenda-a e alimente-a com o estudo que ha de vel-a atear um fogarão de inspiração.

Com a fagulha litteraria dá-se o contrario d'aquella tal do latin... Sabe?... *Sciéntia contempla...*

Aquella, sendo despresada, apaga-se.

O Sr. Dr. Gama Roza acaba de publicar um livro importantissimo e que se intitula *Biologia e Sociologia do Casamento*.

É uma obra esta firmada sobre bases scientificas e que exigio para a sua confecção grande somma de illustração e estudo apuradissimo.

As partes componentes d'este trabalho são tratadas e desenvolvidas com alta elevação de vistas e todas amoldadas á sciencia moderna. A sua primeira parte—*Genese e evolução do casamento*, é uma excellente colleção de dados historicos referentes ao assumpto e bellamente considerados, tanto quanto as exigencias do facto. Depois de toda esta concretisação historica dos usos e costumes matrimoniaes desde os velhos tempos até a nossa epocha, termina esta parte com uma synthese da evolução matrimonial.

Nas demais partes encontram-se analysadas e commentadas as materias referentes ao assumpto de toda a obra. Assim é que vemos com superioridade de espirito o desenvolvimento ou antes a apreciação de varios ramos scientificos, taes como o *Casamento civil* e o *Divorcio*, a *Hereditariedade*, *Cruzamento de raças* e *Consanguinidade*.

Destacamos da ultima parte—*A familia*, a seguinte apreciação: «A familia acha-se, ainda, portácto, em virtude dos males da selecção matrimonial e social, em situação muito precaria; não preenche a sua missão; não favorece o movimento evolutivo; não é o que devera ser, e o que será, o auxiliar das necessidades da epocha e o preparador das aspirações do futuro.»

A *Biologia e Sociologia do Casamento* é uma das melhores obras que temos lido sobre esta materia e de maneira alguma regatearemos nossos parabens ao seu auctor, que é um distincto cultor da sciencia no nosso paiz.

Recebemos dos editores Teixeira & Irmão, de S. Paulo, um pequeno volume em que se acham colleccionados, sob o titulo *Questão Grammatical*, todos os artigos de uma polemica levantada em 1880 entre o grande philologo Julio Ribeiro e o Sr. Augusto Freire da Silva, professor do Curso de Preparatorios annexo á Faculdade de S. Paulo.

Os artigos d'este ultimo professor appareceram nas columnas da *Provincia de S. Paulo*, da capital.

Os de Julio Ribeiro, impressos no *Diario de Campinas*, jornal de circulação menor que a da *Provincia*, foram pouco lidos. Só agora, com a publicação completa da polemica, podem ser apreciados, como todos os trabalhos do eminente professor.

Agradecemos aos incansaveis editores Teixeira & Irmão a offerta de um exemplar do folheto.

Está distribuído o primeiro fascículo, de oito paginas, da grande edição de luxo do *Guaraní*, com illustrações no texto e á parte, empreendida pelos arrojados Srs. Pedro da Silveira e Ernesto Guimarães. Traz um retrato de José de Alencar bem desenhado por ti. Jobansen e excellentemente gravado pelo Sr. Villas Boas, que também xylographou primorosamente as duas littéras iniciais da dedicatória dos edictores ao Imperador e da introdução de Macbado de Assis, litteras mui elegantemente desenhadas por Treidler.

O trabalho typographico é nitido e bem feito.

Achamos que é dever do nosso publico auxiliar o ousado commettimento dos edictores, concorrendo para que tenha uma edição luxuosa e digna do seu merecimento o mais famoso dos nossos romances.

V. S.

NACIONALIDADE LITTERARIA

Abrimos espaço á seguinte carta porque o seu assumpto é interessante e pôde gerar curiosa discussão: «Tendo lido no n. 126 d'A Semana um Anagrama poetico, sobre Os melhores poetas brasileiros permitta-me V. S. que eu ache que um dos nomes que entram na composição d'essa peça é nella intruso.

Retiro-me aos nomes de Gonçalves Crespo e Filinto de Almeida.

Em boa razão e são criterio, Sr., um d'aquelles nomes deve d'alli desapparecer, porque um delles não pertence á litteratura brasileira, segundo prevalecer o criterio dos que chamam a Crespo poeta brasileiro, segundo prevalecer o meu e de muitos outros, que chamamos a Crespo poeta portuguez.

Ha paridade de casos e circumstancias: Se Filinto é poeta brasileiro, nascendo em Portugal, Crespo é poeta portuguez; accrescendo que este seguiu a nacionalidade portugueza, tanto que gossu de direitos politicos em Portugal.

Porque chamam a Crespo poeta brasileiro? Porque nasceu no Brazil?

Muito bem. Mas porque chamam a Filinto, nascido em Portugal, poeta brasileiro? A resposta dou-a eu: é porque tem poetado no Brazil, tem sido influenciado pelo meio brasileiro.

Se assim é, Crespo não pôde ser poeta brasileiro, porque poetou em Portugal e foi influenciado pelo meio portuguez. Logo, é poeta portuguez.

Crespo é-o, affectivamente, de direito, porque, quando não bastassem as razões acima adduzidas, bastava o facto da nacionalidade delles (não confundir com naturalidade) ser a portugueza; e, assim como a bandeira cobre a carga, a nacionalidade do homem é a de todas as suas manifestações.

De mais, Crespo, que foi para Portugal com 14 annos, não escreveu um só verso no Brazil.

Mas, dirão, tem poesias de assumpto brasileiro; logo, é brasileiro.

Risivel argumento! De trinta e oito poesias das *miniaturas* só quatro, quatro só! são de assumpto brasileiro; bem como só o são duas, dentre as sessenta e duas dos *Nocturnos*!

São bastantes para darem tal nacionalidade a Crespo, que não a quiz?

E, vamos lá! quantas poesias tem Theophilo Gauthier de assumpto não francez?

Filinto d'Almeida não baptisou uma parte do seu livro com o adjectivo «Peninsulares»?

Ha no Brazil alguma peninsula? Está o Brazil em alguma peninsula?

So uma patriótica, permitta-me a expressão, fará com que um homem tenha tão curto criterio que classifique como brasileiro a Crespo, ao mesmo tempo que classifica como brasileiro, também, Filinto.

O homem é producto do meio em que vive e nada mais, e a esse meio pertence. Se assim não fosse:

O Brazil não teria direito de chamar seus, como muito bem e de direito chama, a Gonzaga, Filinto, Barroso,

Rodolpho Bernadelli, e José Bonifacio, o grande abolicionista: porque não nasceram no Brazil; a França não teria direito de chamar seus a Girardin, André Chenier e outros, porque não nasceram em França!

Aplicando:

Se Crespo, apesar de viver e morrer portuguez, não é poeta portuguez, porque nasceu no Brazil, Gonzaga e Filinto são poetas portuguezes, porque nasceram em Portugal; Barroso, o heroe do Riachuelo, foi almirante portuguez e é uma gloria portugueza, porque nasceu em Portugal; José Bonifacio (1) o grande abolicionista, é francez, porque nasceu em França; Bernadelli, o auctor do Christo e a Adultera, é mexicano, porque nasceu no Mexico; Girardin não é uma gloria do jornalismo francez, porque nasceu na Suissa; e André Chenier seria um poeta... turco! porque nasceu em Constantinopla!

Mas isso tudo, se assim fosse, seria uma monstruosidade, não acha, Sr. Dr. Valentim?

E ahí está ao que leva o argumento dos que dizem que Crespo é poeta brasileiro, quando elle é portuguez, portuguez como o que o mais for!

E... Mas é melhor fazer ponto final. Termine, Sr. Dr. Valentim, pedindo-lhe o obsequio da inserção d'esta *Semana* com o que muito obsequiará este

De V. S. admirador sincero,

INCOGNITO.

Córte, 1 de Junho de 1887.

DA «VIA-LACTEA»

XXXI

Por tanto tempo, desvalrado e afficto, Fitei n'aquella noite o firmamento, Que inda hoje mesmo, quando acoso o ficto, Tudo aquillo me vem ao pensamento:

Sahia custo, o derradeiro grito Na alhoafabando, sem chorar, violento... E o céo fulgia, placido e infinito, E havia um choro no rumor do vento.

Piedoso céo, que a minha dôr sentiste! A aurea esphera da lua o Occaso entrava, Rompendo as leves nuvens transparentes...

E sobre mim, silenciosa e triste, A Via-Lactea se desenrolava Como um jorro de lagrymas ardentes.

S. Paulo, 1887.

OLAVO BILAC.

PAGINAS ESQUECIDAS

II

O POETA

Para que bem se possa julgar do valor d'este livro, é bom que se conheça a evolução intellectual que o gerou, a historia do espirito que o produziu.

Quando Raymundo chegou a S. Paulo, em 1877, levava um livro de cór e um

(1) O que deu a José Bonifacio a nacionalidade brasileira foi o mesmo que deu a Crespo e nacionalidade portugueza—a vontade propria.

Ambos, cada qual no paiz em que nasceu, eram filhos de paes estrangeiros não em serviço de seus paes; por isso podia cada qual optar pela nacionalidade do paiz do nascimento ou pela nacionalidade paterna.

E' principio de direito, admitido por todos os povos cultos.

Por isso, J. Bonifacio, nascido em França, optou pela nacionalidade paterna, a brasileira, e Crespo, nascido no Brazil, optou pela nacionalidade paterna—a portugueza.

Se o facto da opção de J. Bonifacio foi-o, para todos os effectos, brasileiro, porque razão porque motivo, é de Crespo, feita segundo o mesmo direito e os mesmos principios, não o fará portuguez para todos os effectos? Vamos lá: se este não é portuguez, aquelle não pode deixar de ser francez.

poeta no coração:—As *Primaveras*. e Antonio Feliciano de Castilho. Adorava o poeta do «*Amor e Melancholia*»; defendia-o, com respeito e entusiastica admiração, contra quem o accusasse de massador e de choramingas.

De Casimiro de Abreu, cuja indole, tristonha e contemplativa, lhe parecia irmã da sua, de Casimiro aprendeu a receita de metter em verso, em molho de lagrimas, as suas maguas e as do proximo.

Com o irradiante céo dos *Ciúmes do bardo* affeicou-se á forma pura e perfeita; com elle aprendeu todos os segredos e delicadezas da «*mão de obra*».

Assim se explica como nos seus versos,—ainda os mais antigos, os que elle fizia no collegio Pedro II, intercedendo por algum collega condemnado á *cafila*, como V. Hugo pelos nihilistas condemnados á força,—nesses mesmos não se encontrava um só que reclamasse os cuidados de um *pedicuro*.

Os «*Primeiros sonhos*» que elle poz na rua em 1879, aos 19 annos, são um resultado natural d'aquelles dois factores. Não menos do que o proprio titulo, é significativa a epigraphe com que os encabeçava:

«Meus versos são suspiros de minh'alma Sem outra lei que o interno sentimento.»

(G. MAGALHÃES)

D'este livro diz bem o introduccionista das *Symphonias*: «... versos de adolescencia, em que não Hercules menino, mas Baccho infante, agita no ar os pampanos, á espera de crescer para invadir a India. Não posso dizer longamente o que é esse livro; confesso que ha nelle o cheiro romantico da decadencia, e um certo aspecto flacido; mas taes defeitos, a mesma affectação de algumas paginas, a vulgaridade de outras, não suprimem a individualidade do poeta, nem excluem o movimento e a melodia da estrophe. Creio mesmo que algumas composições d'aquelle livro podiam figurar n'esta sem desdizer do tom, nem quebrar-lhe a unidade.

E', pois, um livro romantico, morno, exagerado, doentio. Entretanto, apparece no fim do volume uma pequenina nota, honestamente perfida. Diz assim: «Reconheço que ha n'este meu primeiro trabalho litterario composições ridiculamente contrarias ao espirito da época. Entretanto, sem recorrer á idade de muita inexperiencia e pouco estudo em que, pela maior parte, foram feitas, ha ainda hoje quem aprecie, etc.»

Lembra esta nota um commentario caviloso, introduzido snobreticamente no evangelho de S. Matheua pelo *principe das trevas*.

Foi por aquelle pequeno ponto que começou a carie da *Ideia Nova* a roer o edificio dos primeiros sonhos de Raymundo; depois o ponto fez-se nodosa, a nodo tornou-se em chaga, e um bello dia:—*Catapuz!*

Mórtera o Raymundo dos *Primeiros Sonhos*. Não de todo, porque por mais dessemelhantes que sejam, de indole e de feição, duas obras de um mesmo auctor, ha sempre no fundo de ambas uma cousa commum, identica:—um pouco do sangue, da carne, dos nervos do escriptor.

E é isto unicamente o que existe de commum entre os *Primeiros sonhos* e as *Symphonias*. O temperamento ficou: mas o arrebique, a posticagem, a affectação desappareceram.

O melhor merecimento d'este poeta—merecimento precioso e não vulgar—consiste em não ser discipulo de Byron, nem de Hugo, nem de Baudelaire, nem de Musset, nem de Swynburne, nem de Leconte de Lisle, nem de Sully-Prudhomme; não é *impassível*, *satanico*, *parnasiano*, *realista* ou *poeta scientifico*; é simplesmente:—Raymundo Corrêa. Não nego que, em uma ou outra composição, mórmente nas da segunda parte—se possam encontrar vestigios da leitna d'este ou d'aquelle mestre; mas o *choro* creador, a *manière* não é de nenhum outro:—é d'elle.

Raymundo é uma alma profundamente poetica, e se a poesia é, como diz Shakspeare, «uma musica que todos trazemos dentro de nós»,—o que não quer dizer que todos possamos deltal-a para fora—é força acreditar que dentro do coração de Raymundo está alojada uma orchestra.

E' tão natural para elle—fazer versos, que, ao envez de Mr. Jourdain, de Molière, elle se admiraria aobremaneira, se algum lhe dissesse—quo elle faz versos.

Nunca pôde fazer outra cousa. E bem pôde dizer como Ovidio:

«Quilquid tentabam scribere versus erst.»

Com esta indole intellectual e moral, com um temperamento altamente nervoso e com o profundo, sagrado, inviolavel amor á Forma,—amor, que lhe veio da leitura dos grandes artistas,—Raymundo não podia deixar de vir a ser o que é:—um poeta, na mais pura e elevada significação d'esta palavra.

E, como Bânville, elle pôde exclamar:

—Je suis un poete lyrique.

E não é outra cousa:—é um poeta lyrico.

No fim de contas, iato de *escolas* em poesia, quando não seja tolice, é, pelo menos, uma questão ociosa, inutil.

Só o que se quer é que o individuo saiba nos comunicar a musica que traz dentro de si:—seja ella de Verdi, de Chopin, de Wagner ou de Offenbach.

Soube elle passar a sua *musica*—de dentro de si para dentro de nós? E' o bastante:—E' um poeta esse homem.

Quem disse a ultima palavra n'este assumpto foi o grande Goethe:—Em realidade n poesia só comprehendem tres formas:—a epica, a dramatica e a lyrica; quanto aos generos, determinados por varias designações, elles não se definem pela sua forma essencial, senão por seu objecto e caracteres exteriores.

Não é, porém, este o logar apropriado ao estudo d'esta difficil questão.

Basta que saibamos que o cantor das *Symphonias* é um poeta lyrico e dos mais delicados.

Os mais doces, os mais subtis, os mais preciosos aspectos da natureza, os caprichos mais vaporosos, os mais leves, matizes do sentimento humano—na sua expressão mais singela e mais rica—as sensações mais electricantes e mais artisticas da *carne*, todas inspiram o poeta das *Symphonias*, e elle nol-as transmite todas no seu bello verso, esportivo e perfeito.

Lêde o *Mal Secreto*, de que tanto gostou o Sr. Machado de Assis—um paladar litterario difficil de contentar-se.

Que profunda e que simples philosophia! Todos temos pensado, todos havemos dito aquillo.

E, no entanto, ao lel-o agora, pelo soneto de Raymundo, parece-nos que foi elle o primeiro a dizel-o!

Quão admiravelmente se retrata o poeta no derradeiro terceto:

«Quanta gente que ri, talvez, existe
Quanta ventura unia consiste
Em parecer aos outros venturosa!...

Abi o ten les todo:—com a sua observação commovida e perspicaz, a sua espontaneidade sobria e correcta, a suave meia-sombra, caracteristica da sua indole poetica.

Lêde o *Anoitecer*, e vereis ainda mais em relevo essas qualidades:

Um mnndo de vapores no ar fluctúa:
Como uma informo nodosa, avults e cresce
A sombra, á proporção que a luz recúa...

A natureza apabica e maee...

Pouco a pouco, entre as srrvores, a lua
Surge tremula, tromuls... Anoiteca!

E ainda mais no soneto—*A avó*
Que profunda e suavissima tristeza a
d'aquella pobre velha, que, ao beijar,
em um assomo de alegre toraura, o seu
netinho, sente que, em vez de o contentar,
a sua velhice assusta o innocente e que ás
crianças já não inspira amor, ad inspira
recoio»:

«Meu riso é hoje, acso, um momo tão
sombrio,
Que este infante que emblo, este que de
mini veiu,
Que é meu neto,—este até, chora quando me
fize!»

E, como elle, comtudo, eu sou fraca, e, como elle,
Eu não tenbo também nem cabellos, nem
dentes...

Ai! quando o vou beijar, porque é que me
repelle
Este infante de .lbar e faces innocentes!!

E sempre, ou tanta quanto baste para

caracterizar definitivamente o poeta— aquelle traço de observação verdadeiro e sensibilizado, aquelle primor de forma, aquelle brando meio-tom de melancolia, raído levemente, muito levemente, de ironia.

Verifica-se se acaá me engano, lendo —O vinho de Hebe, Beijo posthumo, Alfama, Vulnus?, Lagrimas romanticas, lendo todas ou quasi todas as composições d'esta bellissima livro.

Não conheço outro poeta brasileiro que se lhe compare n'osta feição, especialissima.

Luiz Guimarães Junior é muito menos profundo e muito menos delicado. Existem, além d'isso, descuidados, defeitos de arte nos Sonetos e Rimas, que Raymundo não commetteria nunca. Ligeiras imperfeições: —um adjectivo mais proprio á rima do que a idéa, uma interjectiva extemporanea, sobejá, metida no verso para encher-o, uma idéa arcaica, arrebicada com enfeite á moda; um verso errado ou manco, arrastando o joanete em meio de esbeltas companheiras...

Imperfeições perdoaveis, ora pois! —mas imperfeições, todavia, de que não, ou rara vez, pôde ar ser accusado o artista das Symphonias.

Ha, contudo, dois, poetas que apresentam certo ar de familia com este: —Gonçalves Crespo, no traço de observação exacto e saleroso; e Alberto de Oliveira, na touraure do verso: impecavel e singela, picada de um leve tic arcádico.

Mas o poeta dos Nocturnos é mais requintado, mais maneirados mais parnassiano do que Raymundo.

E Alberto de Oliveira, o adoravel poeta das Canções romanticas, esse tem uma esthetica mais complexa.

Onda bem se se conhece quão poderoso artista é Raymundo, é nos Perfis romanticos, s' nos sonetos que chamamos sensualistas.

São seis: No jardim, No banho, Après le combat, Ouro sobre azul, Na penumbra, Plena nudez.

Bellissimos; deliciosos! Só uma grande alma de helleno podia fazer estes versos:

Eu amo os gregos typos de escultura;
Pagãs nús no marmore entalhadas.
Não essas produções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e fresca
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

Não quero a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes formas, entreveíl-a
Ds transparente tunica stravez;

Quero vel-a sem pejos, sem receios,
Os braços nús; o dorso nús, os seios
Nús... Tods nús, da cabeça aos pés!

Sente-se diante d'este soneto immortal, marmoreo, o que de véra ter sentido Apelles quando viu Phrynea, a Venus Anadyomena, sair nua da onda eleusina, torcendo, com os braços erguidos, os longos cabellos de ouro, gottejantes...

N' tão bello, é tão perfeito, que me admira profundamente uma cousa: —Theophile Gautier esqueceu-se de fazel-o.

Como quasi todos os modernos livros de versos, tem tambem este uma parte occupada pela musa civica, militante.

«Creio que o artista ahí é menor e as idéas menos originaes; diz o Sr. Machado de Assis; — as apostrophes parecem-me mais violentas do que espontaneas, e o poeta mais aggressivo do que apaixonado.»

Um outro critico, o Sr. Urbano Duarte, disse uma vez, a proposito das Fanfarras: «A Republica em verso é truculenta em demasia. Preferimol-a em prosa.»

Não ponho duvida em concordar com ambos—quer no tocante á escola quer a respeito de Raymundo.

Tenho, porém, certas considerações a expender, as quas, segundo me parece, modificam de alguma sorte a questão. A poesia civica, revolução-

ria, ou de combate, tal como tem sido feita entre nós, é na verdade aspalhafatosa, *debordante*, eobremaneira truculenta. Faz um excessivo consumo de tyrannea, de sceptros, de padres, de purpuras, de algos, de sangue e de liberdade. Degota a cada verso um monarca, enforca um padre ao fim de cada estrophe... Ora, este genero de idéas a de tropos poeticos, bem comparado com o actual estado politico do paiz, apresenta o contraste mais disparatadamente desafinado que se possa imaginar.

Realments, appellar de tyranno, monstro, Sardanápalo, espectro, algoz, despotas execrando, e outros que taes epithetos a um bom monarca barrigudo e pacato, lanhao e temente a Deus, que, em vez de degolar e esquarterar a livida canalla, os miseraveis párias» para depois devoral-os em arrabalho, de parceria com a igreja, limita-se modestamente a mandar decapitar frangões, para comel-os em canja; que, em vez de perseguir os apóstolos da liberdade com a bayoneta e a espada, persegue-os ferozmente com a commenda da Rua e a pasta da justiça; que, em logar de deitar fogo á cidade e ir tocar viola no Corcovado, enquanto o seu povo morre frito, sobe simplesmente ao morro do Castello para ver arderem as caulas dos cometas; ah! realmente é ridiculo.

Todavia, e considerando bem, essa especie de poesia truculenta, tyranica e demolidora, é mais util, mais bella, mais honesta e menos ridicula do que a poesia thuribularia, bajuladora dos thronos e dos báculos do Rei e do Papa. É menos ridicula porque hoje, se já ninguém toma a sério a feroicidade cannibalesca das cordas feitas por Deus e pelos barbeiros — ainda menoa ha quem acredite na quantidade e na divindade dellas; é mais honesta, porque esses poetas não cantam para comer, como os seus estimaveis collegas — os bardos palacianos e de sacristia; que é mais bella como esthetica, não me parece indispensavel demonstrar-o.

É, finalmente, mais util por duas razões: a primeira é que o servilismo posto em verso é o mais pernicioso das miasmas; envillece o cantor e o cantado, rebaixa, amasquinha, empesta a litteratura, decompõe os costumes, abandalba o gosto, deshonra o verso...

A segunda é que elle não produziu nunca uma grande obra artistica, nem poderá gerar senão monstros aleijados e horribéis. Não assim a poesia revolucionaria. Entre nós ella tem produzido alguns obras verdadeiramente bellas.

Lucio de Mendonça fez o *Consortio maldito* e as *Visões do abysmo*; Fontoura Xavier produziu *Tira-dentes* e este profundo alexandrino: «Linda ba de rir de nós o crente d'amanhã; Assis Brazil escreveu *O pesadelo* e os *Libellos a Deus*; Th. Dias *O rio e o vento*, composição a que, segundo diz um critico, ficaria para sempre celebre, se fossa escripta em lingua medianamente conhecida no mundo civilizado; Raymundo Corrêa deu-nos «A ilha e o mar» inspiração magnifica e grandiosa, que resgata de sobejo os defectos que se possam encontrar nas suas outras produções deste genero.

Consequentemente, sou de parecer que se deixe em liberdade a poesia revolucionaria: — que mate — com boas rimas — padres e reis, tyranos e despotas... E' uma occupação que não abala os alicerces das instituições nacionaes, nem perturba o somno á policia, e que, de vez em quando, produz uma obra prima.

Deus te dê, portanto, muitos annos de vida, ó poesia revolucionaria!

Sinto que devo concluir esta noticia, que já disse demasiado, mas que ainda não disse o que devia.

Extraordinario sentimento poetico, naturalidade fresca e deliciosa, vestindo formas impecaveis, correctissimas, tão justas, porém, e tão leves que nem a idéa prejudica a vestidura, nem a vestidura acanha ou encobre a idéa; uma doce melancolia, levemente ironica, profundamente humana, entranhado sentimento da natureza, um mixto de graça e força, de luz e sombra, de bondade e capricho... Eis as *Symphonias*.

Ha em Raymundo um pouco de Musset junto a outro pouco de Gautier: é a poesia d'aquelle, o verso d'este.

E' lendo este livro que bem se com-

prehe de a definição que a poesia deu. Em. Deschamps: «pintura que se move, musica que pensa...»

A critica incumbe agora apontar-lhe as fraquezas, censurar-lhe os defectos. Quanto a mim, resumo a minha opinião sobre elle em uma palavra: — Adoravel!

VALENTIM MAGALHÃES.

Pirahy, Janeiro, 1883.

GAZETILHA LITTERARIA

O Dr. Lucindo filho vae continuar a publicação das suas *Virgilianas*.

O nome do Dr. Lucindo filho, redactor de *Vassourens*, um dos melhores jornaes de provincia que conhecemos, não pôde ser desconhecido para a maioria dos nossos leitores. Além de ser frequentemente citado como sendo o de um raro talento blinado por forte e excepcional erudição, ha d'elle varios trabalhos publicados de alta monta sobre litteratura e medicina.

Destacam-se entre elles as suas magnificas traducções do inglez e do latim, linguas que o Dr. Lucindo filho — como bom filho de peixe — profundamente conhece. O seu trabalho mais recente é a publicação das obras posthumas do Visconde de Araxá, obras que elle prefaciou, biographando o seu illustre auctor. Infelizmente para as nossas Lettras o Dr. Lucindo filho é dotado de excessiva modestia e evita o mais que pôde abandonar o seu cantinho, que elle quer forçadamente obscuro, e tambem de um pouco de desanimo (quasi diziamos indolencia!). Para que publique alguma cousa é preciso que contra elle rebente uma conspiração... de amigos. Por este meio, quasi sempre seguro, vamos obter a publicação da traducção de novas eglogas de Virgilio. As primeiras foram publicadas em 1883; apenas duas: *Aleris e Melibeu* (a 2ª e a 7ª). Esperamos que d'esta vez o illustrado e avaro traductor será mais generoso, assin como tambem esperamos poder brindar os leitores com uma amostra d'esse fino regalo litterario que se lhe está preparando.

Por estes dias devem ser postas á venda em S. Paulo *A comedia dos deuses* de Theophilo Dias, — larga paraphrase em verso da introdução do *Ashverus* de Quinet, e, aqui, os *Versos e Versões*, de Raymundo Corrêa, anciãmente esperados.

Dentro de vinte a trinta dias chegará de Lisboa uma nova obra da nossa collaboradora D. Julia Lopes. E' a segunda que publica, tendo sido a primeira os *Contos Infantis*, essa deliciosos contos para crianças que deviam ser adoptados em todas as escolas. Desse primoroso livro tambem foi auctora D. Adalina Lopes Vieira, que igualmente nos honra de ha muito com a collaboração, sendo os contos em prosa estcriptos por aquella e os em verso por esta.

Mas com os *Traços e Illuminuras* é que a joven *conteuse* vae firmar a sua reputação litteraria. Concedendo boa parte dos contos que constituem esse livro, polemos afirmar ser elle um dos mais bellos no seu genero, publicados por escriptor brasileiro. D. Julia Lopes já não precisa da benevolencia gentil que é de praxe usar-se para com senhoras que tratam lettras e artes. Tem talento e merito para ser criticada, e sem favores que a sua condição de senhora por ventura inspirasse á critica.

Os elogios que se lhe fazem ou fizerem não devem, portanto, ser attribuidos a essa circumstancia, que tem, frequentes vezes, é certo, arvorado em poetas e prosadores de primeira ordem damas estimaveis e intelligentes, mas que melhor manejam o *crochet* que a penna.

O encantador espirito da joven auctora dos *Traços e Illuminuras* é um espirito de eleição, desses raros espiritos femininos dotados do formidavel poder de interpretar e pintar a Natureza, de falar com o coração ao coração

a com o raciocinio á razão, da fazer desabrocharem aorrisos e correrem lagrimas — por meio desse simples e pequeno instrumento, de tão modesta e trivial apparenc a, chamado — penna.

Como G. Sand, como Mme. Akerman, como Mme. Adam, como Mme. Haudet, Julia Lopes pôde ser chamada um — escriptor.

Se este botocudesco paiz pulesse por ventura ver, em cauza da intelligencia, duas pollegadas adiante do seu nariz rombo, e comprehender o qua valem as lettras a as art-a para a grandesa e progresso dos povos, elle se orgulharia de ter escriptoras como Narciza Amalia, Adalina Vieira e Julia Lopes, para citar apenas as que continuam a illustrar a nossa Litteratura com a actividade dos seus formosos talentos.

Em outro qualquer paiz, medianamente lido e digno de passar por civilisado, o livro *Traços e Illuminuras* seria laureado e ficaria popular e famoso.

Neste, terã, quantos muitos, algumas linhas piagas e anti-grammaticas nos noticiarios chiilros das folhas diarias. Oxalá nos enganassemos!

V.

NOTAS PHILOLOGICAS

Entre as fontes historicas mais abundantes de etymologias vernaculas contam-se, com sensivel preponderancia, os nomes geographicos.

São notorias as derivações, hoje em dia vulgarizadas, de nomes patrios; e este processo de nominação é, como sempre foi, uma das correntes mais accentuadas do neologismo. D'ahi, os nomes de *peego*, *persicus*; *bayoneta*, de *Bayonne*; *meselina* de Mossul; *pergamino* de Pergamo; *arminho* da Armenia; *cobre* de *Chypre*; *gravata* de Croatia; etc.

Os habitantes da Lacedemonia por serem moderados no uso do fallar, legaram-noa o *typo do laconismo*. Os de Solos que afeiavam a lingua hellenica tem a memoria condemnada pelo *solecismo*.

O que, porém, é pouco sabido e crão que ignorado, é que, na sua quasi totalidade, os nomes de cães acclimados na peninsula iberica tem por etymozias as suas designações gentilicas.

As raças ou variedades mais vulgares são o *galgo*, o *sabujo*, o *alão*, o *podengo*, o *gozo* e o *perro*.

Os francezes conhecem uma variedade *épagneul*, vindo naturalments da Hespanha. O cão indigena da Iberia é evidentemente o *perro* (de *paitro*, metathese de *patrius*).

Além do *perro* (*canis patrius*), as demais raças são estranhas.

Taes são, o galgo, *canis gallicus*, da França.

O gozo, *canis gothicus*, vindo com barbaros.

O alão, vindo com os scytas alanao, da idade média (*alanus*).

O podengo, cão italiano do Norte, oriundo do Pó (*podincus*).

O sabujo, no cast. *subyero*, cão da caça da Saboia (*sabandus*).

A especie *perro* existe em Portugal; o nome está um pouco obliterado e tende ao obsoleitismo. Em todo o caso existem derivados interessantes como *aperreiar*, etc.

Estas formas *galgo* e *gallico*; *gozo* e *gothico*, devem interessar especialmente aos collectores de divergenciaa phoneticas.

São materias extremes da qualquer auspeta e podem ser aprovaitados sem exame pela prudencia inventiva dos

nosso glottologos. São observações de Knapp, ao *Commentario* do D. Quixote de Clemencia.

Por umas palavras com que de justiça me referi á *Grammatica* de Julio Ribeiro, ficou extremamente magudo o meu foro e terrível confrade musulmano o Sr. Said-Ali.

Peço-lhe mil perdões; aqui, como nas hespanhas, o em toda a christandade já ninguém pensou em endearar o toucinho e deprimir o infiel Mafomedes.

JOÃO RIBEIRO.

O SONHO DA SULAMITA

*Creio que lhe ouço a voz... Ouço-lhe a voz do certo...
Eit-o ahí,—bem n'ó reço... eit-o que vem saltando
Os brancos alcañtes... e o infinito deserto,
Cégo, doudo de amor, desgrenhado, cortando*

*Como quem tem da edrça a alpede corrida,
E a rapidez da cabra... Eit-o, agora, postado
A janella, a fitar-me a face emmagrecida
E triste, com um olhar saudoso e demorado...*

*Ouço-lhe, ouço-lhe a voz, que me apostropha: «A minha,
Levanta-te do leito, ergue-te, ó cara amiga!
«Ergue-te, ó minha pomba! ó minha noiva! ó minha
«Querida! Vem tornando á placidez antiga*

*«O campo... Olha d'ahi por estes campos fóra:
«Tornam da primavera os vidrados ardres;
«Foi-se a chuva; cessou completamente agora
«O inverno: abre-se o campo aos ninhos e aos amores.*

*«Fulge, soabrindo o olhar, na agreste ramaria,
«A flor; da escuridão dos floridos galhos,
«Que Maio veste, o rir das pombas anuncia
«Que alvorece a estação dos rusticos trabalhos.*

*«Olha: verga a Agueira ao doce péso; os ramos
«Lançam da vinha em roda os perfumes ao vento...
«Levanta-te do leito! anda, formosa! Vamos
«A alvorada sorver d'esse renascimento!*

*«E aonde quer que nos leve a fortuna, o desgosto,
«Que eu te veja o que eu te ouço! e que te ouço e te veja?
«Que ai de mim! essa voz, e ai de mim! esse vésto
«São, filha, o résto e a ooz que a minh'alma deseja!*

*«A amo-nos u apañar as raposas matreiras,
«Cujo dente nos rouba os vinhos deliciosos:
«Vamos, ó minha amiga! E' já temo: as primeiras
«Vozes piniam de rézo os parreiras frendosos...*

*«Isto lhe ouço; porque elle, o meu amado, é quanto
«Ha de bello e de bom que a minh'alma conhece:
«Como eu para elle sou virgens! o que ha de santo,
«O que ha de virginal que o seu labio appetite.*

(D'O canticos dos canticos)

J. DIAS DA ROCHA.

THEATROS

MONTEDONIO

Segunda-feira, 13 do corrente, realisou-se no theatro Lucinda o espectáculo de beneficio e despedida do actor Montedonio.

Tendo vindo de Lisboa com a companhia dramatica de Furtado Coelho, ha quatro annos, cremos, aqui ficou, creando uma empreza dramatica mui accetavel, mas que, npezar do seu merecimento, teve de acabar, havendo o honesto e proveccto artista enterrado nella todas as suas economias.

Data d'ahi a macaca que o tem barbaumentemente perseguido.

Sem trabalho, sem contracto nenhum, — elle, um artista comico e dramatico de tão grande valor! que representa

allianço a extrema correccão, inexcusável, ostupenda naturalidade! — sugoitou-se a fazer uma vingon com Souza Bastos, a representar papeis burlescos; viogon que lhe é de lamentavel memoria. Ultimamente adoeceu e gravemente, depois de haver passado pelo desgosto de ver enuiuar sua filha, a intelligente e estuliosa actriz Adeline. Parn ver se dá cabo da terrível macaca vae para Pelotns tentar fortuna, estabelecendo-se ali como dourador o vidraceiro e tambem como actor, quando isso lhe puder render ali mais alguma cousa do que os dissabores e a pyndahiba que tão fartamente lhe deu por aqui.

O theatro estava replêto. Constou o espectáculo, alem da *Vespera de Reis*, de uma parodia do *Fuzileiro Apaixonado* pelo petiz Romeu Bastos e de algumas cançonetas deliciosamente cantadas por Cinira Polonio, da comedia em 3 actos, de Rangel de Lima — *Como se enganam mulheres*, em segunda representação. E' uma comedia muito interessante, delectada e bem feita.

No desempenho que foi geralmente bom, salientou-se a actriz Amelia de Bellido, que desempenhou o seu difficil papel com grande relevo, dando-lhe naturalidade, graça e sentimento; um dos seus melhores papeis, talvez o melhor.

Montedonio fez as suas despedidas ao publico, lendo — por não lhe haver permittido decorar a o seu máu estado do saude — a seguinte poesia. A seu pedido expressamente escripta para aquelle fim pelo director d'esta folha:

O ADEUS DO MONTEDONIO

Ha uns tres ou quatro dias,
Ha talvez uma semana,
Que eu dizia aos botões meus
Vir a Vossas Senhorias,
Em phrasa sincera e lhana,
Ao partir, dizer adeus.

Era isso cousa assentada,
Concluida, decretada
Como pr'ahi qualquer lei...
«Mas não hade ser em prosa»
Pensei; mas — sorte inditosa! —
Eu versos fazer não sei!

Sim, não dou para a Poesia.
— Comquanto adore os poetas
Com paixão e compaixão —
Mas foi sempre uma arrelia:
Em vão agito as vaquetas
No tambor da Inspiração.

Não sei fazer um terceto,
Que digo? Nem um dueto,
Nem um verso faço, enfim...
Eis que tenho uma lembrança,
Que me foi um sol d'esprança:
«Vou pedir ao Valentim.»

E fui; pedi-lhe a fineza
De logo, mais brevemente,
Alguns versos me fazer
Com que a vossa gentileza
E estima benevolente
Vir pudesse agradecer...

Disse-me: «Sim. Ora veja!
Não me custa nada! Esteja
Tranquillo. Venha amanhã!»
Mas — disse-lhe eu — cousa curta
«Que o seu bom effeito surta
«... Antes que rompa a manhã.

«Quero que, numa poesia,
«Mas em poucos versos, diga
«Quando, a minh'alma contera
«De affeição e sympathia
«A esto boa gente amiga
«Que distinguindo me tem.

«Mas peço não se refira
«— Por um descuido da lyra —
«A' triste sina infeliz
«Que aqui me tem perseguido,
«A's trévas que tenho tido
«Nestc brilhante paiz.

«Mas dizer-lhe não se esqueça
«Que, embora na garra edunca
«De sorte mesquinha e má,
Por mais que lute e padece
«Nunca se ha de epagar, nunce!
«A chamma que tenho cá.

«A grande chamma benedicta
«Que, a devorar-me, palpita,
«Como um fogo de vestal,
«Que se chama «o a-uor da Arte»,
«Que brilha por toda parte,
«Serena, eterna, immortal...

Isso lhe disse e, tranquillo,
Fui-me embora convencido
Que os versos havia ter;
E não pensei mais naquillo
Occupado e distraido
Em despedidas fazer.

Fui, pois, a h'iscal-os hontem.
(Os meus amigos não contem
Isto a ninguém, por favor)
Mas qual versos: tudo lérias!
Disse-me quatro pilherias
A mim varado de dór!

Sabi fulo, furioso,
Vendendo azuis ás canadas,
Contra o logro desleal;
Maltisse o vate incuidoso
E todas as versalhadas
Do Parnazo nacional.

E ora aqui têm os senhores
Os transe e os dissabores
D'essa esparrella cruel...
Palavra! não tenho idéia
De haver feito ante a platêia
Tão desgraçado papel!

Mas visto o verso falhar-me,
Em prosa irei vos contando
O que seute o coração:
Vou a onde o Fado atirar-me,
Mas sempre vos dedicando
Amizade e gratidão.

Um dia, se por ventura,
Ameigr-se a sorte dura
E da macaca o demonio
Deixar-me, teres de novo,
Generoso e grande povo,
— Noticias do Montedonio.

12-6-87

LUCINDA

Muito sympathica e auspiciosa a estrea da companhia de zarzuelas dirigida pelo Sr. Valentim Garrido, hontem, neste theatro.

Foi cantada a velha mas sempre bem recebida zarzuela *El maestro Campanone* letra de Difrancó, musica do maestro Ebarra.

A companhia não é de primeira ordem. Faltam-lhe muitos elementos para isso. O primeiro tenor — primeiro e ultimo, ao que parece — Sr. Manso, tem uma fraca figura, — baixinho, gordinho, cara inexpressiva — muito *anti-ténorica*, comquanto possuía voz regular e cante com methodo. Um tenorino supportavel. A primeira *triple* Sra. Plá, tem boa voz, flexivel e, com algum esforço, de bastante extensão; canta com desembaraço e afinado, mas não reúne as precisas qualidades para uma primeira *triple*; a segunda *triple*, — que, por signal, tem um magestoso busto, proprio para representar afigura symbolica da Republica — se canta, o que não cremos impossivel — não o parece.

Em compensação: — o baixo, Sr. Ramos, é de primeira ordem. Voz muito volumosa, bem dirigida e aproveitada habilmente, muita graça, sem exaggeros e grande naturalidade no jogo de scena; os côros são magnificos, perfeitamente ensaiados, entram a tempo, não desafinam e concorrem poderosamente para o bom effeito das passagens de vigor; o baryto, Sr. Garrido, que fez o *Campanone*, é um bom artista, de boa voz, e senhor da scena; toda a companhia mostrou grande certeza e segurança na representação.

O terceiro acto, especialmente, agradeu muito, não so polo bem que foi cantado, como pela graça que ás mancheias deu ao seu comico papel de poeta librettista... sem vintem, o Sr. Ramos — papel que lhe vae como uma luva.

A impressão geral foi boa. A platêia, reservada como é de seu costume em primeiras, e na de ante-hontem mais talvez do que em outras, applaudiu por vezes e retirou-se contente.

A um *dilettante* dos mnis exigentes ouvimos dizer, á saída do theatro:

— Sim, senhor, tem frequer.
Cremos que o mesmo disseram quasi todos. Acresce que a companhia deu muito mais do que promettera mesmo porque ella não prometteu outra cousa senão cantar *El maestro Campanone*, deixando ao publico o cuidado de julgar se bem ou mal.

E' pois de esperar que, se continuar no mesmo nivel artistico da estrea, faça nqui uma carreira, senão brilhante, satisfactoria.

Hontem cantou a zarzuela *A tempestade*, poema de Carrion, musica do maestro Chapi, e hoje cantará a famosa zarzuela *El anillo de hierro*, letra de Zapata, musica do maestro Marques.

PRINCIPE IMPERIAL

A companhia do sympathico Adolpho de Faria mudou-se para o Principe, onde se estreou na quinta-feira com a opera comica *Os tres mosqueteiros*, traducção de Azeredo Coutinho, musica de Varney.

O Principe está agora todo catita, pintadinho de novo, com cadeiros, com camarotes fechados, com vasta galeria nobre e uma bella veranda.

Deram-lhe tambem uma cobertura para a entrada, o que é muito util ao publico em noites de chuva. Está, em fim, um theatro elegante e de bonita apparencia.

A peça agradeu muito, principalmente os tres ultimos quadros, em que o enredo se torna assás complicado e interessante.

A musica, um tanto parecida com a dos *Mosqueteiros no Convento*, do mesmo auctor, tem trechos muito lindos e muito agradaveis, como o terceto do primeiro acto entre os tres mosqueteiros, o quarteto do 2º entre os mesmos e D'Artagnan, o bello dueto entre este e Constança e o terceto do terceiro acto.

A peça foi montada a primor pelo empresario, que um ensaiador *hors ligne*. Os scenarios de todos os cinco quadros são de magnifico effeito e d'esta vez podemos applaudir sem reservas os scenographos Coliva, que pintou os do 1º, 2º, 3º e 5º quadros e Frederico de Barros, que pintou o do 4º.

O desempenho foi muito bom e muito equal. Cinira foi graciosissima no papel de D'Artagnan, que cantou bem, ainda que com voz fraca; Blanche esteve muito feliz no de Constança. Herminia fez o diabo no de Armida. Peixoto foi um Planchet impagavel e Corrêa apresentou um bello typo no velho Bonacieux. Bahía fez muito bem o seu pequeno papel de velho e mulheril de Trévillé, e Colás, Eugenio e Germano fizeram com muito brio os papeis de Athos, Aramis e Porthos.

A peça está vestida com muito capricho e gosto e tem grande movimento de comparsaria.

O publico, que applaudiu com calor sahio satisfeito e é provavel que volte muitas vezes ao Principe.

A traducção do Sr. Azeredo Coutinho não é má.

RECREIO DRAMATICO

Faz beneficio na noite de 20 do corrente neste theatro a distincta actriz Helena Covalier. Subirá á scena a comedia *O Fiacre 217*. O nome da beneficiada, que tem sido tantas vezes applaudida pelos *habitués* do Recreio, é recommendação bastante para que o publico não falte a manifestar á distincta actriz, a prova de estima em que a tem concorrendo com braçadas de flores á sua festa.

P. PALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Foi muito concorrido o bello concerto, realisado a 8, no theatro Lucinda, pelo pianista cego Couto Cerqueira. O habilissimo professor foi immensamente applaudido, do que é merecedor porque, conhecedor das difficuldades da seu instrumento, vence-as com grande facilidade.

Para 20 do corrente está marcada a 10ª sessão de musica de Camera, promovida pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro, e que terá logar no salão do Conservatorio de Musica.

A reunião familiar que a mui acreditada e digna sociedade Club dos Tucanos realisou na noite de 11 do corrente, foi uma festa completa.

Esmerada concurrencia abrilhantou os bellos salões, vendo-se immensa satisfação nos socios e convidados; á meia noite serviu-se uma lauta ceia em que se trocaram delicados brindes. Daçõu-se animadamente até ás 4 horas da madrugada.

A distincta directoria fez tudo quanto humanamente se pôde fazer para obsequiar os seus convidados.

CONCERTOS POPULARES

Realiza-se hoje, ás 10 horas, no theatro S. Pedro de Alcantara, o ensaio geral do segundo dos concertos populares, o qual se effectuará amanhã, ás duas horas, no mesmo theatro.

O programma, caprichosamente organizado pelo talentoso Sr. Carlos de Mesquita, director d'estes concertos, é muito attrahente. Nelle figura entre outras peças de merito o dueto de amor da nova e já celebre opera de Verdi *Otello*, que será cantado pela Sra. Marini Russo e pelo tenor Richard. E' uma composição a um tempo encantadora e forte, de grande originalidade, e tem sido ensaiada com o cuidado que merece. Além d'isso far-se-á ouvir, a grande orchestra, a *Scena Dramatica* de Leopoldo Miguez, composição de alto valor artistico. E' de esperar que este concerto não seja inferior ao primeiro.

Os folgazões e gontis *politicos* dão hoje um baile em seus salões.

A sociedade *Palestra Litteraria*, em Todos os Santos, realiza hoje a sua segunda diversão mensal, ás 8 horas da noite.

Realiza-se hoje no *Congresso Brasileiro* um sarau-concerto, que a julgar pelos que tem dado esta associação, vae ser uma festa excellente e brilhantissima.

Mais uma esplendida reunião dá hoje a *Sociedade Francaza de Gymnastica*. A's nove horas começará esta *soirée* e só pela madrugada é que terminará, naturalmente. Não faltará a esta festa brilho, *chic* e elegancia.

O *Congresso Gymnastico Portuguez* dá hoje uma festa de *iniciativa*. Isto é com certeza mais uma noite de rosas que vão gosar os seus socios e convidados. Pela nossa parte não deixaremos de galgar. Logo mais lá estaremos.

LORGNON.

JORNAES E REVISTAS

Revista do Ensino n. 11 (Ouro Preto). Contem excellentes artigos sobre organisação do ensino, instrucção publica em Minas e questões de grammatica portugueza. E' esta encantavelmente uma revista bem escripta e que boa

sobremaneira os nomes dos seus colaboradores e redactores.

No dia 16 de Maio proximo passado. 61º anniversario natalicio de Camillo Castello Branco, *A Alvorada*, revista mensal, litteraria e scientifica, que se publica em Villa Nova de Famalicão, e de que é director-proprietario o Sr. Joaquim d'Azuaga, publicou uma polyanthéa em homenagem ao grande escriptor. Na primeira pagina um bello e grande retrato lithographado de Camillo; nas demais muitos escriptos em prosa e verso, dos quaes abre o festivo rosario o conego Alves Mendes, o grande orador e escriptor portuense com as seguintes altas e luminosas palavras:

« Vi um dia em certo museu de Hespanha uma soberba estatua: Fronte alta, peito secco, labios finos, olhos penetrantes, mãos setinosas, cruzadas como em presença do invisivel — um primor de Thorwaldsen. Havia em tudo isto uma expressão grandiosa, uma solemne immobildade.

Não a immobildade asiatica parecida ao sonho, nem a immobildade egypcia parecida ao deserto; mas a immobildade do extasis, a serenidade de enlevo, a fixidez do ideal — fundo e forma, materia e espirito concentrados, perdidos na visão indefinida, no deslumbramento ineffavel do que não desfallece nem morre.

Camillo, o colossal Camillo, tem muito desta estatua. Conquistou a gloria e está tranquillo. Antevê os posteros e contempia os contemporaneos, sereno e soberano como um triumphador. Logra o condão dos grandes genios: laureado e rutilantissimo, entrou em vida nas regioes da immortalidade.

D'esse variegado e virente bouquet, offerecido por muitos admiradores ao grande Camillo no dia em que fez 61 annos de idade, trasladamos tambem, para outro logar d'esta folha, uma singela e commovida poesia de João da Deus — como todas as do grande cantor das *Flores do Campo*.

A.

SPORT

A 4ª corrida realizada pelo Derby-Club no domingio passado esteve extraordinariamente concorrida, não só pelo dia, que esteve magnifico, como tambem pelo programma, que realmente era convidativo. Os pareos foram em geral bem preenchidos por animaes superiores, e regularmente disputados alguns d'elles.

Alguns *forfaits* foram declarados, que necessariamente abatarem a importancia que muitos pareos deveriam ter, tornando-os pouco interessantes.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) Visiere em 65 segundos foi a vencedora por cabeça chegando Houblon e Lady juntamente com ella ao poste de chegada empatando estes dois ultimos para o 2º logar Ormonde chegou em 3º logar, tendo partido muito atrasado. Apollo e Rapid em ultimo logar. Gentleman e Prevenche não correram.

No 2º pareo — (1450 metros) Phenicia em 97 segundos facilmente venceu os seus adversarios Paraguaya em 2º e Derle em 3º logar. Siva e Olinda chegaram em ultimo logar. Rabelais logo ao partir perdeu o jockey, que da queda pouco soffreu. Daybreak e Babylonia não correram.

No 3º pareo (1600 metros) Argentino em 109 segundos foi inesperadamente o vencedor. Monitor que chegou em 3º logar correu lutando com Odalissa, desde o pulo de partida e obstando que esta pudesse alcaçar Argentino ao qual pareceu nos proteger para ter sido o vencedor. Rondello em 2º logar, Odalissa em 4º e completamente esgotadn. Flotsam e Ibiguara chegaram em ultimo logar Plutus não correu.

No 4º pareo (1750 metros) pouca animação e importancia houve viste Sibylla que foi vencedora em 120 segundos, bater-se somente com Diva, que chegou em segundo logar, fazendo boa currida. Macareu hincandado não foi considerado competidor pelo publico que já o conhece camoverbo de encher.

No 5º pareo (1600 metros) houve muitos *forfaits* que tiraram toda a importancia do pareo, correndo Mastin, que em 111 segundos foi a vencedor, fazendo má corrida; Madama, que chegou em 2º e Araby em 3º logar. Fils d'Artois, Speciosa e Catita não correram.

No 6º pareo—handicap— 2000 metros) foi vencedor Salvatus em 132 segundos, batendo Coupoa, que desis o pulo conservou-se na frente até ao poste do vencedor, perdendo apenas por cabeça e fazeado uma bonita corrida. Constonnos que Salvatus neste pareo correu para perder de Coupoa, mas que foi o vencedor forçadamente e contra a vontade do seu proprietario que mais sympathia tributava a Coupon, tambem de sua propriedade, chegando elle em 2º logar. Em 3º Mirzador que chegou manco. Cheapside, Dignitaire e Ruy Blas vieram em ultimo logar. Boreas e New-York não correram.

No 7º pareo (1450 metros) houve má partida, dando como resultado muitas reclamações por parte do publico que incontestavelmente d'esta vez teve toda a razão para reclamar a annullação do pareo, visto Baccarat II estar correndo em sentido contrario quando foi dada a partida, que o juiz mesmo considerou infeliz. Consequencias prejudiciaes soffreu a sociedade com este pareo, que além de ser corrido quasi á noite, trouxe inconveniencias de toda a natureza.

Jenny foi a vencedora, em 104 segundos, seguida do Pretoria, que chegou em 2º e Sartarelle em 3º. Zephiro, Marengo e Medon, não tiveram classificação.

Realiza amanhã uma excellente corrida a sociedade Jockey-Club, cujo programma é esplendido pelos pareos que necessariamente serão bem disputados e interessantes pelos parceiros que nelles estão inscriptos.

L. M. BASTOS.

COLLABORAÇÃO

A' D. J. S. S.

Amanhece! Dos picaros do monte, Vae se esvaindo aos poucos a neblina; Doura o sol a verdura da campina. Ferve entre as pedras, manurosa fonte...

Eu não sei se vos conte, ou se não conte Os jubilos d'esta bora matutina; Tudo respira amor: a ave que trina, O insecto, a flor, as mattas, o horizonte.

Mas a doce e singela melodia Das ayes da floresta, essa alegria, Que invade o coração e o faz contente,

Esse intimo fruir, essa magia Pra mim não têm senhora, mais poesia Se, senhora, de vós me vejo ausente.

JOÃO MOTTA D'AZEVEDO.

O PRIMEIRO CUIDADO

Mal se abre a janella o quarto invade Um sol primaveril e loudeteate. Inunda-se o aposento n'um instante De golfadas de vida e claridade.

Peles moveis a luz em liberdade Brinca e ri. Sobre o leito provocante Vaga ainda uma estrophe fluctuante De um idyllio d'amor e castidade.

Desperta a joven mãe e corre ao berçõ Onde está o filhinho em sono immerso. As cortinas de manso vae abrindo....

Inda dorme,— murmura debruçada; Inda dorme— e alli fica arrebatada A custo um loago beijo reprimido.

OLIVEIRA E SILVA.

FACTOS E NOTICIAS

SALLA DE PGRIMA

Realizou-se em a noite de 11 do corrente a inauguração publica da sala de sgrima do professor Vêzin, na travessa do Ouvidor, n. 1, com a assistencia de grande numero de amadores e representantes da imprensa.

O programma, que se compunha de onze reptos, dividi-lo em duas partes, foi rigorosamente executado, e por tal forma, que não trepidamos affirmar que raramente se tem visto no Ria de Janeiro um assalto d'armas tão brilhantes, tão admiravel.

Todos os combatentes revelaram pericia extrema e notavel educação nas suas respectivas armas.

Seja-nos licito, contudo, pôr em relevo, os nomes dos Srs. Barros, amador habilissimo, jogando com equal proficiencia o florete, o sabre e o *épée de combat*; Fontouelle, tambem muito forte no florete e á *épée*, tendo feito com o primeiro, nesta arma, um assalto magnifico; Servillo Gonçalves, da Escola Militar, mestre consummado em todos as armas, notavel pela sua excelente *guarda* o maravilhosa agiltidade, qualidades infelizmente prejudicadas pelo cansaço que facilmente manifesta; e Tallone, que atua ao sabre com imperturbavel calma e absoluta segurança. Os abalizados professores Vêzin e Walborun revelaram brilhantemente que o eram, tendo-se empenhado em um combate ao florete que foi freneticamente applaudido.

Vêzin tem agiltidade felina e extrema sagacidade; Walborun, já um tanto gordo de mais—é o destino dos mestres d'armas, como os tenores!—conserva ainda o seu jogo elegantissimo. Dois mestres, enfim.

Terminou o notavel ussalto por amistosos *sandwichs*, regudas por cordial e profusa cerveja. Parabens ao professor Vêzin.

Parte para a Europa, an dia 21 do corrente, o Sr. commendador Antonia Augusto da Silva Costa.

CLUB NAVAL

Esta distinctissima associação, para solemnizar o seu ven terceiro anniversario e a posse de sua nova directoria, deu no sabbado ultimo uma festa excelente.

Fizeram-se representar quasi todas as marinhas estrangeiras. A's 7 1/2 horas da noite começou a sessão magna, que foi aberta pelo Sr. Capitão de mar e guerra Manhães Barreto. Seguiram-se com a palavra os Srs. Capitão-tenente Nascimento, que leu o relatório annual, e 1º Tenente Lemos Bastos, que em eloquentes palavras poz em relevo as vantagens da criação d'aquelle Club, assignalou os serviços por elle prestados e terminou fazendo o elogio historico dos socios fallecidos.

Foi empossada depois a nova directoria, figurando nella como presidente o capitão de mar e guerra Onstodio José de Mello, 1º secretario 1º tenente Ribeiro Espindola, thesoureiro o 2º tenente Estevão Adelino Martins, orador 1º tenente Lemos Bastos, bibliothecario 2º tenente Francisco de Mattos, encarregado do museu o 2º tenente H. A. Telim Costa e como um dos directores o 1º tenente Benjamin R. de Mello.

Após a sessão magna, em uma das salas do Club levantaram-se varios e eloquentes brindes á marinha brasileira, á estrangeira e á imprensa, encerrando-se a festa com o brinde de honra levantado a S. M. o imperador. O Club estava elegantemente ornamentado e profusamente illuminado, o que lhe dava um aspecto imponente.

Verdadeiramente é o Club Naval uma associação que faz honra á classe a que pertence e pena é que muito dos nossos mais distinctos officiaes da armada se furtem a coadjuvar com a sua assignatura e presença a vida de tão nobre sociedade. A despeito d'estes indifferentes ha de o Club Naval trilhar estrada brilhante e impor-se aos seus congeneres da Europa, como centro de diversões de uma classe que tem nas mais fulgurantes paginas da nossa historia bellica a sua autobiographia e fulgurantissima coroa de estrellas,

Damos ao Club Naval as nossas ainceras felicitações, desejando-lho muitas e prosperidades.

Na *Glacé Elegante* continúa exposto o bello quadro «Salva de grande gala no porto do Rio de Janeiro», do distincto e pressado pintor J. B. Castagneto.

A exposição dos quadros de Antonio Parrsiras na sala do *Gremio de Letras e Artes* tem sido muito visitada e o distincto pintor felicitado pelos seus bellos trabalhos, principalmente pela sua grande tela *Efeitos de tempestade*. A exposição encerrar-se-á no dia 21 do corrente.

RECEBEMOS

— *Dissertação* sobre architectura em geral, apresentada á illustrada congregação da Imperial Academia das Bellas Artes por João Ludovico Mari Berna.

— *Revista Mensal* do Club de engenharia. anno I. n. 5. — Excelente.

— *Diccionario Extravagante*, leitura para rir, pelo Sr. Pedro José Ribeiro. Rimos-nos a não poder mais. E ainda estamos a rir...

— *The Rio News*—volume XIV — n. 16.

— Da casa David Corazzi os fasciculos 27, 28, 29 e 30 dos *Invisíveis de Lisboa*.

— *Brazil Illustrado*— anno I. n. 10 — Bom texto e boas gravuras.

— *Corymbó* — ns. 16, 17, 18, 19, 20 e 21. Muito bem escripta e com excellente collaboração é esta a revista mensal que apparece no Rio Grande sob a direcção e propriedade da distincta escriptora D. Revocata de Mello.

— *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 2.ª sessão da 20.ª legislatura, pelo Exmo. Sr. Barão de Mamoré.

— *Relatorio* da Associação Protectora da Infancia Desamparada, apresentado em sessão de assembléa geral pela Directoria da mesma associação.

— Da casa *Au Petit Journal* o n. 21 do 12.º anno do *Salon de la mode*. Traz elegantes figurinos e moldes.

— Da nova e já conceituada casa *A California*, que hoje annuncia na nossa folha um bello sortimento de fazendas, recebemos uma Polka, com o titulo da casa, composição do maestro Mazarino Lima.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua dos Ourives, 51.**

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

A Chapellaria Inglesa—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retirou da allandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglezss. Rua do Ouvidor, 120.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade do Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Pharmacia Americana de Vicente Soverino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbese gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51— Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro do M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Coas. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.



Grande novidade! E ha boje, Exmas. ! A passeio? E' verdade! Sahimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinças que hoje annuncia a **California**, na **rua do Senador Dantas n. 4**. Onde fica essa rua? E' a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades em capas, côrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças e para senhoras.

Algodão muito forte, peça.....	18000
Morim para forro, peça.....	8600
Dito superior, peça 18200 e....	8800
Dito mais superior, peça.....	28200
Velludos de côr, adamascados.	28000
Bonitas lãs de todas as côres...	8500
Chitas muito largas, 360 e.....	8240
Batistes e percales, 300 e.....	8200
Carreteis com 200 jardas da melhor linha para machina.....	8050
Cobertores de lã, encarnados..	28400
Meias compridas em ponto de cordão, de côr, para crianças.	8400
Peças com 5 metros de renda de seda.....	8200
Renda de seda preta, larga. ...	8400
Rendas de todas as côres, 400 e.	8300
Colchas com franja, 28500 e.....	18800
Pentes para caspa, 200; alisar...	8300
Tapetes finos para quarto.....	28000
Paletots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 158 e.....	108000
Renda de lã com fio dourado..	8500
Botões muito grandes, cada...	8100
Botões para vestido, duzia.....	8120
Oxford largo, a 240 riscados a..	8240
Lenções fortes, 18600, 18200 e....	8800

AOS BARATEIROS!

4 Rua do Senador Dantas 4

LIVRO DE SORTES

O *Gaio de Salão*, collecção de dispartes amatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para paesa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua ds Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os géetos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiono e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, os-crophulas, rachitís, anemia, debilidade em goral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenções, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES